

Não é o fim do mundo

Gilberto de Mello Kujawski

A situação é paradoxal. Nunca se comprou tanto, nunca se viajou e se consumiu tanto, com os meios de transporte e hotéis lotados durante meses, os restaurantes com filas intermináveis a qualquer dia da semana. A febre consumista continua em ascensão, todos arranjam dinheiro para gastar e as vendas a prazo esgotam os estoques, apesar da alta dos juros. Só que ninguém está contente, e não perde ocasião de amaldiçoar o governo. Alastra-se um crônico mal-estar por todas as camadas da sociedade. As festas de Natal e de passagem do ano sucumbem em sorumbático anticlímax, cancelada a tradicional euforia de tais festividades. O otimismo coletivo do Plano Cruzado deu lugar à atmosfera negativa irrespirável, pior que a da poluição ambiental. O pessimismo é geral. Ninguém se queixa do presente, mas todos temem o futuro; a nova ofensiva inflacionária turva o horizonte, e aquele amanhã que ainda há pouco nos sorria amavelmente agora nos fecha a carranca, impenetrável e sombrio. Cada brasileiro não se contenta em ser um técnico em futebol, arvorando-se, também, em economista, contaminado pelo negro pessimismo que domina estes últimos, quando destituídos da genialidade de um Adam Smith, ou de um John Maynard Keynes.

O papel da imprensa seria lançar alguma luz sobre as trevas, contribuir lucidamente para analisar a situação sob aspectos menos desesperadores. Em vez disso, os jornais, inoculados por absurdo sadomasoquismo, anunciam diariamente o apocalipse, jogam ainda mais lenha na fogueira, se é que não são os principais responsáveis pela própria fogueira. Não querem entender que a missão da imprensa, nas horas difíceis, é procurar alternativas para a crise, afiar a inteligência para mostrar ao público o outro lado da moeda (ou do cruzado). Reclama-se demais, acusa-se demais, critica-se demais. Os homens de imprensa parecem médicos ignorantes do diagnóstico, mas apavorados com os sintomas pintados na pele do doente. Cria-se um automatismo negativista em cadeia, puramente reflexo, e nada reflexivo, criticando-se tudo às cegas, cada jornalista pintando um quadro mais negro que o outro, em verdadeira competição de Cassandras.

Com superior malícia dizia-me um amigo ser muito estranho que a CUT e o sr. Delfim Netto falem a mesma linguagem e repitam idênticas censuras, como está acontecendo. Indício veemente da má fé deliberada e da falta de sinceridade que alimenta o espírito da maior parte daqueles senhores que fazem o gesto e assumem a pose de quem sabe das coisas.

Seria preciso descer ao fundo da psicologia nacional para constatar como tão arraigado pessimismo é a expressão de nosso sentimento coletivo de inferioridade como nação. Na América Latina existem alguns povos megalomânicos, proclamando-se os melhores e os maiores, acometidos

por violenta mania de grandeza. O brasileiro é o oposto disso. Desde que nasce, ouve dizer que o Brasil não é de nada, que somos população desfiada, que não gosta de trabalhar, só levando a sério o futebol e o carnaval. Por incrível que pareça, ainda goza de franca vigência esta nossa auto-interpretação folclórica e caricata. Em nosso subconsciente coletivo lavra um surdo e generalizado sentimento de menoscabo, de profunda auto-abjeção, de definitivo fracasso histórico e absoluta inviabilidade política, econômica e cultural. Tememos doentamente o fiasco e já entramos derrotados em todas as batalhas.

Comumente, o brasileiro não leva em conta que durante quatro séculos ele construiu, sofredamente, as bases sociais, culturais e econômicas de sua rica e sólida personalidade nacional. Poucos avaliam a façanha histórica que representa a manutenção da unidade brasileira em base territorial tão larga e diversificada. Nossa unidade étnica e cultural foi conseguida com diversidade gritante de elementos conflitantes em outras regiões, mas conciliados em nosso contexto. Ao longo de quase quinhentos anos plasmamos nossa personalidade histórica, diferenciada, consistente, e em franca expansão criadora nas relações sociais, na música, na arquitetura, na literatura, no direito e na economia. Então, onde está nosso fracasso coletivo, onde se localiza ele? Ah, na Política, certamente na Política. Sem dúvida, o Brasil ainda não amadureceu em Política, tanto quanto amadureceu socialmente, culturalmente e economicamente. Isso é indiscutível. Agora, o que não se leva em conta é que a Política, com sua inegável importância na constituição e no equilíbrio das nações, está longe de refletir o nível de desenvolvimento da coletividade como um todo. A Política não passa da aparência mais superficial, mais cutânea da realidade social. Menos a causa, que o efeito da prosperidade das nações. Assim como não podemos julgar o valor da pessoa pela cor da pele, pelo tamanho, pela complexão física, também não podemos avaliar a nação em sua totalidade, pelo seu grau de maturidade política. A vitalidade nacional mais rica e produtiva não é incompatível com a estrutura política mais precária, assim como a ossatura política mais sólida e consistente pode abrigar vitalidade nacional em declínio. E quem não sabe que, freqüentemente, os grandes surtos criadores das nações coincidem com sua máxima indefinição política, como na Itália do Renascimento, ou na Alemanha de Goethe?

O moderno centralismo burocrático atrelou o destino das nações aos rumos da Política e subordinou os rumos da Política aos freios da Economia. O que é falso. Porque é a nação que produz sua Política e sua Economia; não são estas que produzem a nação. Se a Política e a Economia vão mal, a nação brasileira, ao longo de sua curvatura histórica, sempre ascendente, vai muito bem, obrigado.